

O FEMININO MATERNO E O MASCULINO FILIAL: AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM COMO SINTOMA NA CRIANÇA

Lílian Cristine Ribeiro Nascimento
Francisca Paula Toledo Monteiro

RESUMO

O presente artigo versa sobre alguns sintomas apresentados por crianças que freqüentam a clínica fonoaudiológica e pedagógica, sintomas estes que se manifestam como alterações da linguagem oral e/ou escrita, os quais buscamos interrogar a partir da psicanálise. Apresentamos quatro casos de meninos nos quais uma relação simbiótica com a mãe era mantida e se evidenciava por relatos e atitudes infantilizadas para com criança. Relatamos como o trabalho pedagógico e fonoaudiológico baseado na perspectiva psicanalítica possibilitou modificações na relação materno – filial e permitiu à criança deslocar seus sintomas na aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE

Psicanálise; Castração; Dificuldades de aprendizagem

THE MOTHERLY FEMININE AND THE FILIAL MASCULINE: THE CHILD'S LEARNING DISABILITIES AS SYMPTOMS**ABSTRACT**

The present article addresses some symptoms found in children attending pedagogical treatment and speech therapy. These symptoms, which manifest themselves as disorders in oral and/or written language, are interrogated herein under a psychoanalytical perspective. Four cases are presented where boys had a symbiotic relationship with their mothers, with the resulting childish reports and attitudes. The pedagogical treatment and speech therapy based on a psychoanalytical perspective brought in some changes in the mother-child relationship, allowing the children to dislocate their symptoms regarding the learning process.

KEYWORDS

Psychoanalysis; Castration; Learning disabilities

LO FEMENINO MATERNO Y LO MASCULINO FILIAL – LAS DIFICULTADES DE APRENDIZAJE COMO SÍNTOMA EN EL NIÑO**RESUMEN**

El presente artículo versa sobre algunos síntomas presentes en niños que frecuentan la clínica fonoaudiológica y pedagógica, síntomas que se manifiestan como alteraciones del lenguaje oral y/o escrito, los cuales buscamos interrogar a partir del psicoanálisis. Presentamos cuatro casos de niños en los que se mantenía una relación simbiótica con la madre y que se evidenciava por relatos y actitudes infantilizadas con el niño. Relatamos como el trabajo pedagógico y fonoaudiológico basado en una perspectiva psicoanalítica. Ha hecho posible modificaciones en la relación materno - filial y ha permitido al niño desplazar sus síntomas en el aprendizaje.

PALABRAS CLAVES

Psicoanálisis; Castración; Dificultades de aprendizaje

1. A RELAÇÃO MÃE – FILHO HOMEM

O trabalho clínico nos coloca diante de crianças que, trazidas por seus pais, transparecem em seus corpos sintomas de natureza lingüística, sendo ela de ordem oral ou escrita, que nos apresentam, em geral, como uma queixa da escola ou dos próprios pais.

Elegemos para este artigo somente casos de meninos por entendermos terem estes uma relação peculiar com suas mães, diferente da que pode ser observada entre as meninas e suas mães¹. Buscamos apontar que a forma como se estabelece a relação materno – filial, em alguns casos, pode ser entendida como desencadeadora destes sintomas na linguagem e no corpo.

Freud, no livro *Mal-estar na civilização*, falando sobre a agressividade, aludiu a esta relação (mãe – filho), apontando a sua peculiaridade: “A agressividade (...) constitui a base de toda relação de afeto e amor entre pessoas (com a única exceção, talvez, do relacionamento da mãe com seu filho homem)” (FREUD, 1976, p. 135).

Em seu livro *Psicologia de grupo e análise do ego* Freud já havia pontuado a peculiaridade desta relação ao afirmar que toda relação duradoura como casamento, amizade, relação entre pais e filhos, está permeada por sentimentos de aversão e hostilidade, porém “com a solitária exceção do amor de uma mãe pelo filho, o qual se baseia no narcisismo, não é perturbado por uma rivalidade subsequente, e é reforçado por uma tentativa rudimentar de escolha de objeto sexual”(FREUD, 1976a, p. 128).

Ora, sob a ótica psicanalítica, todo sujeito vem ao mundo numa posição de falo materno. Por que e de que maneira ele se coloca assim?

(...) sempre entre a mãe e a criança existe mais um, mesmo que a criança não se aperceba disto. Esse elemento terceiro está aí, presente. (...) dizemos, em psicanálise, que há uma relação entre a criança, a mãe e o falo, o significante da falta representante do desejo do Outro. Na elaboração de Lacan, o falo será instituído como significante primordial do desejo na triangularização edípica (SARTORI, 2001, p. 30).

¹ O primeiro objeto de amor tanto do menino quanto da menina é a mãe, portanto o nascimento de um filho, independente do gênero, representa o falo para a mãe. No entanto, a estruturação edípica se realiza de forma diferenciada no menino e na menina. Ao constatar a diferença sexual a menina sente-se injustiçada pela ausência do falo e desenvolve um sentimento de rivalidade para com a mãe, ao mesmo tempo em que se identifica com ela. Portanto, a menina faz uma mudança de objeto de amor, deslocando-o para o pai (ela entra no Complexo de Édipo a partir da castração). Já o menino não faz a mudança de objeto de amor, este objeto continuará sendo a mãe, portanto sua relação com ela é desprovida de rivalidade (o menino sai do complexo de Édipo pela castração).

O falo é um operador entre o ser de linguagem e o ser de desejo – mãe e filho. Desse modo, o falo não é um objeto ou tampouco um órgão. A princípio, o falo é um símbolo que marca uma presença - ausência, ou seja, o falo é um significante.

(...) importa esclarecer que o falo não é o pênis, mas a indicação de sua presença e ausência, ou seja, a diferença entre os sexos é construída, organizada mediante o significante falo. Dizendo de outro modo, o falo é o representante psíquico deste órgão que uns possuem e outros não (SARTORI, 2001, p. 30).

Neste sentido, podemos afirmar que o nascimento de um filho é um marco diferencial na vida de uma mulher, pois de alguma forma faz com que retorne ao momento de sua estruturação edípica. Se na infância a constatação da diferença sexual impõe à menina uma falta (do falo), o nascimento de seu filho vem preencher de uma certa maneira esta ausência. “De todo modo, a castração da mãe, escapando a essa ilusão, encontra no filho sua saída, uma vez que o filho lhe proporciona *simbolicamente* a realização daquilo de que está despossuída” (CHECCHINATO, 2007, p.).

Para que ocorra a castração e a criança adentre ao simbólico, é necessária a interdição que se dá pela função paterna. É a mãe quem convoca o pai, é ela quem o apresenta. Deste modo ela demonstra que deseja para além da criança.

Em alguns casos, porém, a mãe mantém o filho como objeto único de seu desejo. Quando a mãe se coloca nesta posição, ela não permite que a figura paterna realize a interdição, portanto a criança fica aprisionada a uma relação simbiótica.

Nestas situações em que o filho está aprisionado aos desejos da mãe, não é possível a ele desejar, isto faz com que perpetue sua infantilização. Esta forma de relação pode desencadear alguns sintomas, como alterações na linguagem oral ou uma dificuldade escolar. Casos como estes que iremos discutir neste artigo:

2. ALGUNS MENINOS E SUAS MÃES

2.1 Pedro

O que é preciso para se adquirir a linguagem?

É preciso que ocorra a castração, ou seja, a interdição pela figura paterna da relação de completude simbólica que se dá na relação materno – filial. É através desta cisão, que se instaura uma falta. A impossibilidade de ter usufruto pleno, de se sentir satisfeito, mobiliza o sujeito para a linguagem. Esta cisão (castração) é que permite, ainda, que o indivíduo se constitua como sujeito desejante.

Nós nos constituímos a partir da separação de uma unidade originária (mãe-filho), e após esse momento, tal unidade tornar-se-á algo sempre buscado, mas necessariamente jamais alcançável. Essa impossibilidade de reencontrar a completude é estabelecida justamente pela ambigüidade da operação que nos constitui como sujeito (FRANÇA NETO, 2005, p. 97).

Tão importante quanto a figura paterna é a figura materna. É a mãe quem permite ou não a entrada do pai nesta relação, para que ocorra a interdição e se instaure a lei. “A presença real do pai não é indispensável: o que parece indispensável é a presença do pai no discurso da mãe. Quando o pai não faz a Lei para a mãe, quando esta não o estima ou não o respeita suficientemente, sempre encontramos o efeito disso ao nível da criança (...)” (MANNONI, 1982, p. 48).

Se, por algum motivo, não ocorre a castração, a criança fica aprisionada no desejo da mãe e na constante tentativa de satisfazer o desejo materno.

Foi o que ocorreu com Pedro² que chegou à clínica encaminhado pela escola com a queixa de que não conseguia alfabetizar-se.

Na entrevista com os pais, a mãe relatou que a criança dormia na cama com ela e o pai, no outro quarto, na cama do menino. Quando questionados sobre o motivo desta acomodação, relataram que o menino queria dormir com a mãe e que o pai, por sentir muito calor, preferia dormir no outro quarto que ficava nos fundos da casa e desta forma podia dormir com a janela aberta. Desde o primeiro momento foi dito aos pais que este modo de acomodação era prejudicial à criança e que seria necessária uma mudança. No entanto, esta não ocorreu com facilidade. Inicialmente foi preciso que a mãe passasse a “falar corretamente” com a criança, evitando a forma infantilizada que utilizava. Em três meses Pedro não apresentava mais trocas na fala. A criança foi atendida durante seis meses e alfabetizou-se, portanto recebeu alta.

No ano seguinte, na segunda série, a escola reencaminhou a criança, pois esta, apesar de alfabetizada, apresentava uma leitura muito lenta e erros de ortografia.

Logo na primeira sessão a mãe referiu não ter conseguido mudar o menino de quarto e novamente afirmamos a necessidade da mudança.

Um dia a mãe traz a criança para o atendimento e ao descer as escadas grita em alto e bom tom: “*Ele já está dormindo no quarto dele*”.

² Os nomes de todas as crianças e mães foram trocados a fim de preservar a privacidade.

Quando retorna para buscá-lo perguntamos se tinha sido difícil para o Pedro dormir no outro quarto e a mãe diz: *“Para ele não, mas para mim foi muito difícil”*

Este caso evidencia que o sintoma de Pedro – dificuldades na linguagem oral e escrita – nada tinha a ver com desordens orgânicas, mas que para atender ao desejo da mãe, mantinha-se como bebê. Como afirma Checchinato: “basta uma mãe que ao filho em tudo imponha seus desejos, sua maneira de ver o mundo e as coisas, para incapacitá-lo de abrir mão dos desejos dela” (CHECCHINATO, 2007, p. 155).

2.2 Mateus

Mateus chegou à clínica com quatro anos apresentando uma fala quase ininteligível, pois articulava apenas as vogais e as consoantes: /p/, /b/, /m/, /t/ e /d/. As outras consoantes eram omitidas ou substituídas por /t/ e /d/.

Mateus iniciou a terapia fonoaudiológica mas apresentava muita dificuldade em articular os fonemas trabalhados. Assim como Pedro, Mateus dormia com a mãe, pois o pai trabalhava à noite. A mãe referia que a criança tivera um forte refluxo quando bebê e que por medo de que ele se asfixiasse com o vômito, passou a colocá-lo na cama dela, onde era mantido até aquele momento, mesmo já tendo se curado do distúrbio gástrico.

Ficou na terapia fonoaudiológica por cerca de dois anos sem muito progresso, adquirindo apenas dois fonemas. Estávamos trabalhando os fonemas /f/ e /v/, os quais Mateus conseguia articular quando solicitado, mas não em situações de fala espontânea. Um episódio, porém, marcou uma mudança significativa no processo terapêutico. Este episódio foi relatado pela mãe, que se chamava Vitória, nome iniciado exatamente pelo fonema que Mateus resistia em automatizar:

“Eu estava na sala de meu apartamento quando ouvi que alguém me chamava repetidamente: Vitória, Vitória. Olhei pela janela achando que alguém me chamava de fora do prédio, mas não via ninguém. Os chamados continuavam, mas não conseguia perceber de onde vinham. De repente, Mateus saiu de trás do sofá e vi que ele estava todo enrolado em um cobertor, inclusive a cabeça. Neste momento ele abre o cobertor e se revela: - Sou eu que estou te chamando. Jamais iria imaginar que era ele, pois ele nunca me chama pelo nome e sim de “mamãe”, além disso o som do /v/ ele não conseguia pronunciar até hoje”.

O episódio representa uma pérola quando analisado a partir da perspectiva psicanalítica. Mateus não podia articular como uma criança de sua idade (tinha 6 anos nesta época) uma vez que era tratado pela mãe como um bebê enfermo. Ela manifestava a vontade de que ele corrigisse sua fala, no entanto, seus atos e a maneira de tratá-lo, denunciavam que o mantinha como bebê em seu desejo inconsciente.

Ao embrulhar-se no cobertor e depois abri-lo, revelando-se, Mateus simula um ato de nascimento. Neste momento ele esconde-se para depois se expor à mãe - não mais como um bebê que dela depende, que a chama de mãe, mas como um sujeito apartado dela, que a chama pelo nome e que pode, por fim, falar como uma criança de sua idade.

A partir deste episódio começou a apresentar progressos rápidos na terapia e um ano depois teve alta.

Mateus, de algum modo, encontrou uma forma de resistir ao desejo da mãe e seguir em seu processo de subjetivação, assumindo seu desejo. Subverteu a ordem imposta e desta forma pôde fazer a cisão na relação simbiótica, cisão esta tão bem simbolizada no episódio narrado. “Não é tanto o conflito da criança com uma verdade penosa que é traumatizante, mas o seu confronto com a ‘mentira’ do adulto (vale dizer, o seu fantasma)” (MANNONI, 1982, p. 70).

2.3 Jonas e Jefferson

Jonas e Jefferson eram dois irmãos que foram trazidos à clínica por sua mãe, na idade de 5 e 6 anos respectivamente.

Ao nomeá-los a mãe fazia questão de marcar a pronúncia do inglês no início dos nomes, sendo que nos corrigia quando usávamos uma pronúncia do português. Ao pronunciar o nome dos filhos usava o som “dje” (forma como a letra “J” é pronunciada no inglês), ou seja, os nomes eram pronunciados como “Djonas” e “Djefferson”³.

Por certo, a mãe tinha razão em pronunciar os nomes desta maneira e até em corrigir-nos, uma vez que era ela quem tinha escolhido o nome dos filhos. No entanto, nos pareceu claro que somente ela e as pessoas da família assim os pronunciavam, sendo que as outras pessoas pronunciavam como de hábito no Brasil, ou seja, com o som da letra “J”.

³ Preferimos apresentar uma escrita aproximada da pronúncia a usar o alfabeto fonético, facilitando, desta forma, a leitura para os leitores não habituados a este.

A queixa era de distúrbio na articulação, o qual era idêntico nos dois meninos. Ao avaliá-los pudemos perceber que todas as palavras que em português escrevemos com “já, je ou ge, ji ou gi, jo, ju” eram pronunciadas com “dje”, por exemplo: “djanela”, “djacaré”, “cadju”. Da mesma forma as palavras que escrevemos com “x” ou “ch” eram pronunciadas com “tch”, como por exemplo: “tchapéu”, “brutchá”, etc.

Neste caso, embora houvesse uma adequação na forma como a mãe lidava com os meninos, proporcionado-lhes a independência necessária para que se desenvolvessem e estruturassem sua subjetividade, havia uma forte influência da “oralidade” da mãe na fala dos filhos.

É óbvio que ela articulava corretamente todos os fonemas, mas a insistência da pronúncia diferenciada de seus nomes, produziu um distúrbio na articulação. A forma como a mãe articulava seus nomes foi generalizada para todas as outras palavras. Interessante que a mãe não fazia esta relação, não percebia que o fonema que eles distorciam era uma imitação da pronúncia de seus nomes.

Evidentemente, não foi solicitado que a mãe modificasse a pronúncia do nome dos filhos, pois ela assim os escolhera, apenas trabalhou-se na diferenciação deste som com os fonemas das demais palavras .

(...) cada criança vem ao mundo não por decisão ou escolha própria, mas sim pela de um outro, seus pais. Estes lhe dão um nome, e junto com ele muitos outros desejos são investido à revelia da criança. É importante ressaltar que esse investimento, que confere um lugar para o filho, é algo fundamental, pois seu valor é de promover a possibilidade de esse novo ser se estruturar. (SARTORI, 2001, p. 24).

O que nos chamou a atenção neste caso foi a força que tem a fala da mãe na estruturação simbólica da criança, sendo que esta se conforma ao desejo da mãe ao adquirir a linguagem oral.

2.4 Gustavo

Gustavo veio encaminhado pela escola, com queixa de dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita. Aos oito anos de idade cursava pela segunda vez a primeira série do Ensino Fundamental e ainda não estava alfabetizado. O encaminhamento

foi para atendimento fonoaudiológico pois apresentava alteração de processamento auditivo central e alterações articulatórias⁴.

Ao iniciar os atendimentos, sugerimos à mãe o acompanhamento pedagógico uma vez que apresentava, também, dificuldades no raciocínio lógico-matemático, na contagem, no reconhecimento dos números, além de questões relativas à organização espaço-temporal.

Na entrevista inicial foi relatado pelos pais que a criança tinha tendências suicidas (sic), era depressivo e fazia uso de medicamentos anti-depressivos, com acompanhamento médico. A mãe ressaltava sempre que o menino era muito triste, apesar de “agitado”- não parava um minuto e não concluía o que iniciava.

Durante os atendimentos fonoaudiológicos e pedagógicos fomos percebendo que havia uma tendência da mãe em infantilizá-lo, carregando-o no colo, tratando-o de “meu bebê”. Nos dias em que Gustavo era trazido pela mãe, recusava-se a fazer as atividades propostas durante as sessões, ao contrário dos dias em que era o pai ou a tia quem o trazia para os atendimentos.

Num desses dias, ao abrir a porta da sala para chamá-lo ao atendimento, deparamos com Gustavo sentado no colo da mãe, com a cabeça apoiada em seu peito. Ao nos avistar, ela comentou: *“Olha só esse menino! Ele não pode me ver assim que logo quer vir para o meu colo e diz que quer mamar... meu bebê...”*

Nesse dia, durante o atendimento pedagógico, perguntamos a ele qual era a sua idade e ele nos respondeu, sem vacilar: *tenho 4 anos.*

Aqui, para nós, ficou evidente que a sua subjetivação estava ainda vinculada fortemente ao desejo da mãe de mantê-lo como um bebê. Dessa forma, também sua aprendizagem ficava “bloqueada”. A aprendizagem ou, dizendo de outra forma, o desejo de saber, para a psicanálise, está diretamente ligado à falta e esta ao desejo. Como a mãe não está interdita para a criança, não há falta. Portanto, não há como advir o desejo.

E a criança, sujeitada à lei da mãe, acaba se submetendo a esse papel, afastando-se cada vez mais do desejo próprio e da própria subjetividade. Ela passa a ocupar um lugar perigoso: o de complemento da mãe, o fálus que ela não tem (CHECCHINATO, 2007, p. 146).

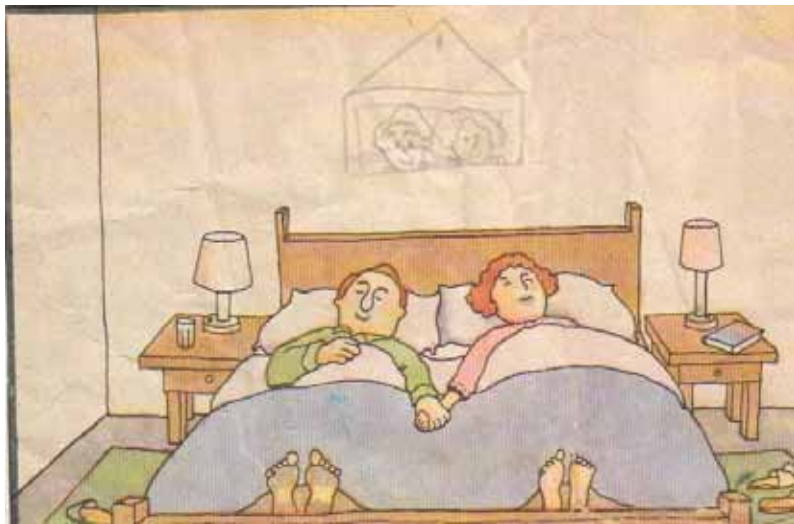
⁴ Na articulação apresentava omissão do fonema /t/ nos encontros consonantais. Esse fonema, em geral, já aparece articulado corretamente pelas crianças por volta de 4 a 5 anos. Tal fato parece justificado pela fala de Gustavo durante um dos atendimentos, no qual refere-se como tendo 4 anos.

DOSSIÊ

Cuerpo, Lenguaje y Enseñanza

Área Temática: Diferenças e Subjetividades em Educação

Em outra situação de atendimento fonoaudiológico, foi solicitado que Gustavo elaborasse frases e as escrevesse a partir de gravuras representativas de cenas cotidianas. Gustavo escreveu várias frases, porém uma delas se apresentou de maneira peculiar a nosso olhar, a frase escrita a partir da figura abaixo:



(FURNARI, 1980, p.6)

A frase escrita por ele foi:

Eu estou dormindo na cama.

Diante da figura e a respeito da sua escrita, questionou-se se não havia duas pessoas na cama. Ao que ele respondeu, complementando a frase:

Eu estou dormindo na cama e minha mãe.

Apesar de estar claro na gravura que há dois adultos na cama, esta não foi a leitura de Gustavo. Tal fato nos evidencia que Gustavo ainda não se desvinculou do desejo da mãe, portanto, a castração ainda não operou seus efeitos. Para a psicanálise a estruturação do sujeito passa pela castração, sendo esta a que institui a falta, de onde advém o desejo – não há desejo sem falta.

Na escrita da frase, no fato de se ver deitado na cama, dormindo com a mãe, há uma simbolização da continuidade da relação simbiótica, ainda não interdita pela função paterna. Interessante, porém, é que Gustavo não dorme com a mãe no dia-a-dia. Ele tem

seu próprio quarto, onde dorme com o irmão, diferente dos casos apresentados anteriormente: Pedro e Mateus. No entanto, a elaboração simbólica não depende da realidade, ela se estrutura, também, através da fantasia.

Atualmente, Gustavo encontra-se alfabetizado, já reconhece os números e faz a contagem, embora ainda necessite de ajuda. Está freqüentando a terceira série do Ensino Fundamental, e permanece em atendimento, pois ainda apresenta alterações na ortografia, na elaboração e interpretação textual (verbal e escrita) e na matemática.

Em nossa última entrevista com a mãe foi-nos relatado que Gustavo teve alta do tratamento psiquiátrico, não fazendo mais uso de medicação anti-depressiva. A mãe observa e relata, também: *“Sabe, o Gustavo agora não é mais triste... Eu percebo que ele tá alegre... Não é mais aquele menino agitado, que não conseguia terminar nada...”*

Relatou-nos também que Gustavo lhe disse: *“mãe, você é feliz? Eu estou muito feliz hoje... a vida é tão boa...”*

Diante disso, o que nos traz à reflexão é que tais mudanças em relação à aprendizagem e ao humor de Gustavo ocorreram devido a um processo transferencial.

(...) ao retomar o tema freudiano da transferência, Lacan justifica o porquê de ela sempre estar articulada com a teoria do amor: a transferência, tanto quanto o amor, diz respeito à disparidade subjetiva da posição de dois sujeitos sem equivalência entre si porque não há equivalência entre dois sujeitos se não os reduzimos a meros significantes (ALBERTI, 2003, p. 93).

A relação transferencial tão difundida através dos escritos freudianos, era percebida por Freud em seus pacientes e é descrita por ele como uma manifestação do inconsciente. Tal empreendimento não ocorre somente entre a figura do analista e seu analisando, ou entre o médico e o paciente. Para ele, a transferência é um fenômeno que permeia qualquer relação humana.

Revelada no campo específico da relação médico-paciente, Freud se deu conta da constância com que a transferência também ocorria nas diferentes relações estabelecidas pelas pessoas no decorrer de suas vidas. Entendida como “a repetição de protótipos infantis vividas com uma sensação de atualidade acentuada” nada impede que a transferência se dirija ao analista ou a qualquer outra pessoa (KUPFER, 1997, p. 88).

Disso decorre que o processo transferencial, com o deslocamento dos sintomas que se manifestavam nas dificuldades de aprendizagem na leitura, escrita e na matemática, pode ter ocorrido durante os atendimentos clínicos nos quais atuamos com Gustavo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os casos clínicos aqui expostos são úteis para demonstrar o vínculo entre mãe-criança e as dificuldades que as mães apresentam ao fecharem a relação, produzindo sintoma nos filhos, por recalcarem sua condição desejante.

A dialética fálica faz com que a mãe reviva, na criança, sua própria constituição subjetiva: castração-édipo. Ou seja, quando a mãe se apropria da criança como substituto fálico-faltante, sua condição neurótica se inscreve no corpo da criança. Como afirmou Lacan: “O sintoma da criança se encontra no lugar de responder àquilo que há de sintomático na estrutura familiar” (LACAN, 1998 apud CHECCHINATO, 2007, p. 137).

É por isso que se afirma que a criança é sintoma dos pais.

Tal afirmação nos leva a reconhecer que a posição que a mãe ocupa para o filho é primordial para que ocorra o que Freud denominou de castração. Por sua vez, a castração é necessária e indispensável para que disto advenha a falta e o desejo – desejo de saber, de conhecer, de aprender.

Tal reconhecimento, a partir da perspectiva psicanalítica, nos coloca – a nós profissionais da clínica fonoaudiológica e pedagógica – numa posição de escuta que pode permitir, através de um processo transferencial, a elaboração ou o deslocamento dos sintomas apresentados pela criança que nos chega com queixas de distúrbios na articulação e/ou as dificuldades de aprendizagem na leitura, escrita e matemática.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. Demanda e desejo na transferência. **Literal**: Revista da Escola de Psicanálise de Campinas, Campinas, n. 6, p. 93-100, 2003.

CHECCHINATO, D. **Psicanálise de pais**: criança, sintoma dos pais. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.

FRANÇA NETO, O. Identificação e culpa: questões éticas e contemporâneas. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 95-106, jan./jun. 2005.

FREUD, S. **Mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976, [1929]. v. 13.

_____. **Psicologia das massas e análise do eu**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976, [1921]. v.18.

FURNARI, E. **Todo dia**. São Paulo: Ática, 1980. Coleção Peixe vivo.

DOSSIÊ

Cuerpo, Lenguaje y Enseñanza
Área Temática: Diferenças e Subjetividades em Educação

KUPFER, M. C. **Freud e a educação** – o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1997.

MANNONI, M. **A primeira entrevista em psicanálise**. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Campos, 1982.

SARTORI, C. H. G. **Entrada da criança na escola e período de adaptação**. Campinas: Alínea, 2001.

Agradecemos aos amigos Márcio Aparecido Mariguela, Maria Luiza Moraes Bozza, Gustavo Salles e Carla Oliveira pela leitura atenta e preciosas contribuições. Agradecemos, em especial, à nossa amiga e professora Regina Maria de Souza, pelo incentivo constante.

LILIAN CRISTINE RIBEIRO NASCIMENTO

Fonoaudióloga, doutoranda na Faculdade de Educação da UNICAMP,
DIS (grupo de estudos e pesquisas diferenças e subjetividades em
educação)

E.mail: lcrn05@yahoo.com.br

FRANCISCA PAULA TOLEDO MONTEIRO

Pedagoga, mestranda na Faculdade de Educação da UNICAMP, DIS
(grupo de estudos e pesquisas diferenças e subjetividades em educação)

E.mail: franciscapaulatm@yahoo.com.br

Aceito em: 21/06/2007
Publicado em: 23/07/2007